



Exclusão social através da língua: uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas

Viviane Novais¹

Resumo: A língua é um dos recursos utilizados para obtenção ou manutenção de poder (FOUCAULT, 1996). Em vista disso, é comum encontrarmos procedimentos de exclusão em relação ao seu uso. Para o desenvolvimento deste estudo, escolhemos trilhar um caminho pelo qual a língua é considerada diversa e que, por ser falada por pessoas diferentes, assume caráter variável (LABOV, 2008[1972]) e, nem por isso, deixa de ser legítima. Neste trabalho, objetivamos discutir processos de exclusão linguística/social através do uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas. Para tanto, vemos i) como os pronomes em estudo estão classificados em gramáticas tradicionais do português (CEGALLA, 2008; BECHARA, 2009) e ii) o que dizem as pesquisas linguísticas a respeito do fenômeno em análise (ALMEIDA; CARVALHO, 2013; FIGUEIREDO, 2007; NOVAIS, 2018). Por fim, propomos uma discussão a respeito das relações de exclusão por meio do uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas, a partir de conceitos já consolidados, conforme propostos por Foucault (1996) e Labov (2008). Esperamos que este trabalho possa auxiliar na compreensão das relações de poder a respeito do uso da língua, bem como em relação ao fenômeno linguístico em estudo.

179

Palavras-chave: Exclusão social; Língua; Variação; Pronomes *mim* e *eu*.

INTRODUÇÃO

A exclusão de sujeitos na e pela sociedade pode ser percebida nos mais diferentes contextos de interação social. Existem diversos fatores utilizados para o controle do poder, de modo a excluir sujeitos e impedir que estes ocupem determinados espaços sociais. A língua é um desses fatores utilizados como recurso de poder, uma vez que ela faz parte de processos que selecionam, escolhem e excluem sujeitos (FOUCAULT, 1996).

No Português Brasileiro (PB), ainda hoje tem sido observado a existência de um ideal de língua, constituído a partir de discursos prescritivistas que

¹ Universidade Federal de Sergipe.



permeiam uma visão de língua enquanto fator homogêneo e invariável. Em vista disso, tudo aquilo que se distancia desse perfil não é aceito, é visto com inferior e errado, resultando, portanto, em estereótipos negativos que excluem sujeitos por fazerem uso de variedades que não são contempladas nas gramáticas normativas.

Em vista disso, escolhemos falar sobre essas questões por acreditarmos que os sujeitos não podem e não devem ser excluídos, seja por classe, raça, gênero ou pela variedade linguística que utilizam. Tendo como base a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), reiteramos que não vemos a língua como fator homogêneo e estático. Compreendemos que o PB é diverso, rico em variedades e que as normas prescritas na gramática normativa jamais darão conta do todo na língua.

Neste artigo, objetivamos realizar uma discussão/reflexão que perpassasse por questões sobre a língua e os processos de exclusão social por meio dela especialmente através da variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas, como podemos observar nos exemplos em (1).

180

- (1) a. Esse livro é para *eu* ler
b. Esse livro é para *mim* ler

Pesquisas sociolinguísticas apontam que esse fenômeno variável – conforme (1) – é comumente encontrado na língua em uso. Além disso, há um forte estigma social no uso da variante não-padrão *mim* (NOVAIS, 2018). Desse modo, no desenvolvimento do nosso trabalho, veremos como os pronomes *mim* e *eu* estão postos em gramáticas normativas e de que forma esse fenômeno linguístico pode ser utilizado como ferramenta para discriminar, silenciar e excluir, de modo a pensar nas relações de poder que envolvem a língua e os sujeitos que a utilizam.



Procedimentos de exclusão social através da língua

Diante de diversos processos de exclusão e silenciamento construídos historicamente na sociedade (em relação à mulher, negros, LGBTQ+s, pobres etc.) e as relações de poder que permeiam esses processos, destacamos um para discorrer e refletir: questões sobre a língua². Nessa perspectiva, tendo em vista que a gramática normativa (GN) é uma ferramenta de poder e de ascensão social, a língua tem sido uma forma utilizada para excluir sujeitos que, por se distanciarem das normas prescritas na GN, são vítimas de exclusão e apagamento na sociedade.

Nesse sentido, tomando como base para nossas discussões a obra *A ordem do discurso*, de Michel Foucault (1996[1970]), percebemos que circulam, na sociedade, discursos controlados, organizados cautelosamente através de procedimentos que excluem, limitam e tentam controlar os sujeitos. Segundo Foucault (1996, p. 09), “em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão” e essa exclusão é encontrada de modo explícito no que concerne ao uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas.

181

Encontramos a todo momento formas que discriminam e rejeitam sujeitos que fazem usos de variedades linguísticas do PB que não estão prescritas na GN. Foucault (1996) nos diz, portanto, que um dos princípios de exclusão é a rejeição e essa rejeição foi construída historicamente, de modo que hoje há formas linguísticas “boas” e outras vistas como “ruins”, “feias”. Esse cenário produz silenciamentos e apagamentos de sujeitos através de variedades linguísticas utilizada por eles.

Além da rejeição, existem processos de *rarefação*. Nas palavras de Foucault (1996, p. 37), “rarefação, desta vez, dos sujeitos que falam. Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. Ou seja, sujeitos que não “satisfazem” às regras impostas sobre o uso da língua, automaticamente não são aptos para

² Adotamos a perspectiva de língua enquanto fator social, heterogênea e variável, como propõe a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972]).



utilizá-la. Desse modo, foi construída a ideia de que língua é apenas o que é contemplado pela GN. Sendo assim, sujeitos que fazem uso de formas linguísticas que se distanciam da norma são automaticamente excluídos por não serem “qualificados” para fazer parte do universo daqueles que detêm a norma, o poder e que atuam nos espaços privilegiados na sociedade.

Diante dessa visão limitada e equivocada sobre língua, Marcos Bagno (2003), em seu livro *A norma oculta*, ajuda-nos a pensar sobre as relações de poder que a envolvem. De acordo com Bagno (2003),

infelizmente, num longo processo histórico, o que passou a ser chamado de *língua* é uma “coisa” que é vista como exterior a nós, algo que estaria acima e fora de qualquer indivíduo, externo à própria sociedade: uma espécie de entidade mística e sobrenatural, que existe numa dimensão etérea secreta, imperceptível aos nossos sentidos, e à qual só uns poucos iniciados têm acesso (BAGNO, 2003, pp. 17-18 – grifos do autor).

182

A norma-padrão é um meio possível para conduzir os sujeitos aos espaços de poder na sociedade, visto que quem se apodera da norma, se apodera do poder. Entretanto, excluir sujeitos que não dominam as normas é uma forma perversa criada para impedir que esses mesmos sujeitos consigam chegar aos espaços de poder e de ascensão social.

Diante de tal análise, veremos, a seguir, esses processos de exclusão através do fenômeno de variação linguística entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas.

Os pronomes *mim* e *eu* nas gramáticas

As regras postas nos compêndios gramaticais são normas para o falar e escrever bem³. Nesse sentido, veremos, a seguir, como os pronomes *mim* e *eu* estão organizados e quais posições sintáticas são direcionadas a eles.

³ Nosso objetivo com essa afirmativa não é reforçá-la – visto que não compartilhamos com essa ideia – mas expor como as regras gramaticais normativas são vistas por um grande número de gramáticos (e pelo senso comum). Além disso, essa é, de fato, sua função, tendo em vista que a GN não está preocupada em abordar fenômenos encontrados na língua em uso.



Nas gramáticas de Cegalla (2008) e Vilela & Koch (2001), conforme os quadros (1) e (2), vemos como os pronomes pessoais estão estruturados:

Quadro 1: Pronomes pessoais segundo Cegalla (2008)

Pessoas do discurso	Pronomes retos Função subjetiva	Pronomes oblíquos Função objetiva
1º pessoa do singular	Eu	me, mim, comigo
2º pessoa do singular	Tu	te, ti, contigo
3º pessoa do singular	ele/ela	se, si, consigo, lhe, o, a
1º pessoa do plural	Nós	nos, conosco
2º pessoa do plural	Vós	vos, convosco
3º pessoa do plural	eles/elas	se, si, consigo, lhes, os, as

Fonte: Cegalla (2008, p. 180)

Quadro 3: Pronomes pessoais segundo Vilela & Koch (2001)

	Pessoa	Sujeito	Objeto direto	Objeto indireto
-				
Singular:	1º	eu	me	me, (a)
mim	2º	tu	te	te, (a)
ti	3º	ele/ela	o/a	lhe, (a)
ele/ela				
Plural:	1º	nós	nos	nos, (a)
nós	2º	vós	vos	vos, (a) vós
	3º	eles/elas	os/as	lhes, (a)
eles/elas				
			se	se/ (a) si

Fonte: Vilela & Koch (2001, p. 211)

Podemos perceber que o quadro pronominal do PB nas gramáticas acima citadas está estruturado de forma semelhante. O pronome *eu* é a primeira pessoa do singular do caso reto, enquanto o pronome *mim*, embora também corresponda à primeira pessoa do singular, faz parte do caso oblíquo. Sendo



assim, é esperado que esses pronomes sejam usados de acordo com a função sintática que desempenham na oração, ou seja, *eu* exerce a função de sujeito, enquanto *mim* toma o lugar de complemento (objeto indireto), como nos exemplos (3) e (4).

(3) O trabalho é para *eu* fazer

(4) O trabalho é para *mim*

É importante percebermos como a GN trata esses pronomes para que compreendamos a noção que foi construída historicamente sobre haver uma língua “certa” e outra “errada”, e como essa visão contribui significativamente no processo de exclusão de sujeitos através da língua em uso.

Variação entre *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas: o que dizem as pesquisas sociolinguísticas?

184

Partindo do que já foi discutido, veremos agora questões sobre o fenômeno linguístico que selecionamos para analisar neste trabalho: variação entre *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas. Desse modo, algumas pesquisas sociolinguísticas nortearam nossa reflexão (FIGUEIREDO, 2007; ALMEIDA & CARVALHO, 2013), bem como os teóricos que estão nos auxiliando a pensar as questões de exclusão com relação ao PB.

Na pesquisa de Figueiredo (2007), realizada através de dados do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, podemos perceber a constatação de que o pronome *mim* foi o mais utilizado pelos falantes e que o pronome *eu* foi menos utilizado. Nas palavras do autor, “confirmou-se que o pronome explícito *mim* funciona inequivocamente como sujeito de infinitiva, independentemente da função que eventualmente exerça na oração principal” (p. 107). Esses dados nos possibilitaram perceber que, mesmo que a GN afirme de forma categórica que somente o *eu* deve ocupar a posição de sujeito, na língua em uso o pronome *mim* é o mais selecionado pelos falantes.



Uma outra pesquisa, desenvolvida por Almeida & Carvalho (2013), realizada em Feira de Santana – Bahia, apresenta a ocorrência de *mim* em posição de sujeito iniciada pela preposição *para*, contrariando o impõe as normas da GN. Segundo as autoras, “das trinta e quatro (34) ocorrências nessa posição, nove (9) correspondem à utilização de *para mim* ao invés de *para eu* como sugerido pelas gramáticas normativas, ou seja, os casos nos quais aparece a norma não-padrão representam 26,5% do total” (p. 02).

Diante desses dados, vemos que a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas é um fenômeno recorrente no PB, como nos mostram Figueiredo (2007) e Almeida & Carvalho (2013). Nesse sentido, embora a GN não reconheça esse fenômeno como aceitável na língua – fator que contribui para a estigmatização dessa variação e para a exclusão de sujeitos – a todo momento podemos encontrar o pronome *mim* ocupando essa posição nas sentenças do PB.

Entretanto, mesmo com essas ocorrências, em uma rápida análise podemos perceber que o pronome *mim* sofre estigmatização social a todo momento e os sujeitos que fazem uso desse pronome em posições sentenciais não abordadas pela GN tendem a ser estereotipados como pessoas que não sabem falar ou que falam “errado”, sofrendo, portanto, estigmatização social e preconceito linguístico.

Bagno (2006), no livro *A língua de Eulália*, expõe que o uso do pronome *mim* como sujeito de frases infinitivas é comum no Brasil e é usado inclusive na variedade culta da língua, mesmo que as GNs sejam categóricas ao afirmar que o pronome *mim* não deve exercer a função de sujeito nas sentenças.

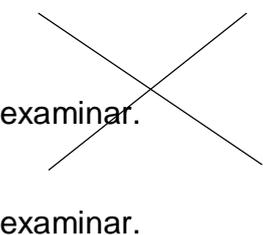
Em um estudo sobre uma avaliação feita com estudantes universitários da Universidade Federal de Alagoas (UFAL – *Campus* do Sertão) em relação à avaliação dos usos dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito, Novais (2018) constatou que 70% dos informantes preferem o uso do *eu* nessa posição sintática e 30% afirmaram preferir o pronome *mim*. Esses resultados evidenciam que muitos falantes julgam usar mais o pronome *eu*, embora na fala concreta, muitas vezes, aconteça o contrário. A maioria dos informantes que participaram da pesquisa de Novais (2018) julgou falar mais o pronome *eu* porque essa é a



variante padrão prescrita nas gramáticas normativas, uma forma que garante prestígio social.

Tendo em vista que uma das contribuições da Sociolinguística Variacionista consiste em estudar e explicar certos usos linguísticos, encontramos algumas hipóteses que tentam dar conta de analisar e explicar a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas. Bagno (2012) expõe algumas observações sobre o fenômeno que estamos estudando. Dessa maneira, segundo o autor, “uma primeira explicação possível para o surgimento desse emprego de *mim* como sujeito de infinitivo é a do cruzamento: duas construções se fundem numa só que sintetiza a sintaxe-semântica-pragmática de ambas” (BAGNO, 2012, p. 729).

Quadro 2: Cruzamento Sintático segundo Bagno (2012)

	a. O ilustrador trouxe uns desenhos para mim .
	ab. O ilustrador trouxe uns desenhos para mim examinar.
	b. O ilustrador trouxe uns desenhos para eu examinar.

Fonte: Bagno (2012, p. 730)

186

Como podemos observar na hipótese de cruzamento sintático trazida por Bagno (2012), uma das possibilidades para o uso do *mim* em construções infinitivas seria a de que o falante, no momento da produção sintática, realiza uma junção de sentidos, resultando, por fim, na utilização do pronome *mim* ao invés do pronome *eu*.

Dessa maneira,

a construção *para mim + infinitivo*, portanto, está longe de ser uma aberração ou sinal de ignorância: pelo contrário, revela a habilidade sociocognitiva que nos permite dizer duas coisas de uma vez só. Observe-se também que, sendo *mim* uma forma tônica (ao contrário, por exemplo, de *me*, que é átona) seu emprego acentua ainda mais a intenção de enunciar que se trata de algo para mim e não para outra pessoa. (BAGNO, 2012, p. 730)



Entretanto, mesmo que o pronome *mim* esteja sendo usado como sujeito de frases infinitivas, os falantes tendem a estigmatizar e discriminar os sujeitos que fazem esse uso. Essa estigmatização resulta, portanto, no que conhecemos como preconceito linguístico, tópico que discutiremos a seguir.

Estigmatização e preconceito linguístico: procedimentos de exclusão

Diante do exposto, vimos que pesquisas sociolinguísticas apontam que há variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas do PB e que a variante não-padrão *mim* foi a mais utilizada pelos falantes. Entretanto, tendo em vista que *mim*, nesse contexto sintático, segundo a GN, não deveria assumir essa posição, percebemos que se criou, historicamente, estereótipos com relação ao uso desse pronome. Esses estereótipos, além de causar estigmatização e, conseqüentemente, preconceito linguístico, levam à exclusão e ao silenciamento de sujeitos que fazem uso de formas socialmente vistas como “erradas”.

Desse modo, pensando nos procedimentos de exclusão trazidos por Foucault (1996), consideramos que a estigmatização e o preconceito linguístico são também procedimentos que excluem, apagam e silenciam, de modo a tentar inferiorizar os falantes. Isso se dá, principalmente, porque a língua é um recurso de poder na sociedade.

Tomando por base os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) acreditamos que é através dos estereótipos sociais que a estigmatização emerge. Nessa perspectiva, o termo *estigmatização* significa a atribuição negativa que determinada forma linguística sofre na sua comunidade de fala. De acordo com Labov (2008, p. 360), “*estereótipos* são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (grifo do autor). Ou seja, a partir dos estereótipos construídos, formas linguísticas podem receber avaliação negativa (ou positiva), a depender da comunidade de fala. Há determinadas formas (mesmo que não sejam consideradas pela GN) que recebem prestígio social, enquanto outras são desprestigiadas socialmente por receberem avaliação negativa.



Dessa maneira, formas linguísticas avaliadas como “feias” ou “erradas” tendem a ser estigmatizadas. Em vista disso, sujeitos que fazem uso dessas formas acabam sofrendo preconceito linguístico, que é uma forma camuflada de preconceito social. Nesse sentido,

o que existe, de fato, é um profundo e estranhado *preconceito social*. Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado “publicamente inaceitável” (o que não significa que essas discriminações tenham deixado de existir) e “politicamente incorreto” (lembrando que o discurso “politicamente incorreto” é quase sempre pura hipocrisia), fazer essa mesma discriminação com base no modo de falar da pessoa é algo que passa com muita “naturalidade, e a acusação de “falar tudo errado”, “atropelar a gramática” ou “não saber português” pode ser proferida por gente de todos os espectros ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical. (BAGNO, 2003, p. 16 – grifos do autor)

A estigmatização com relação ao uso do pronome *mim* na posição de sujeito em frases infinitivas é mais uma forma de preconceito social contra sujeitos que tendem a produzir essas construções. Esses discursos discriminatórios funcionam, portanto, como ferramenta de exclusão de minorias, de modo a trabalhar na tentativa de apagar esses sujeitos, silenciá-los e controlá-los.

Entretanto, diante de discursos que buscam a rarefação de sujeitos (cf. FOUCAULT, 1996) precisamos agir como *contra-discursos*, de modo a contribuir na perspectiva de repensar conceitos e estigmas disseminados historicamente na sociedade, principalmente com questões sobre o uso da língua. Nesse sentido, consideramos que

os falantes são os melhores gramáticos que existem, pois realizam complexas operações linguístico-cognitivas, obtêm excelentes resultados, e tudo isso de maneira inconsciente, intuitiva. Definitivamente, não dá para falar de ignorância – a não ser a ignorância autoritária dos que pretendem restringir os usos da língua, empobrecê-los e engessá-los (BAGNO, 2012, p. 732).

Assim, diante de diversos discursos preconceituosos, que buscam diminuir e excluir sujeitos através da língua falada por eles, a Sociolinguística Variacionista, nesta perspectiva, funciona como um contra-discurso. Em vista disso, apresentar explicações para determinados usos linguísticos (como vimos



em relação ao uso do pronome *mim* como sujeito de frases infinitivas) é uma forma de agir contra quem tenta controlar o poder e impedir que minorias alcancem espaços socialmente privilegiados.

Considerações finais

Os discursos que contribuem para processos de exclusão, de apagamento e de silenciamento de sujeitos, como pontuamos no desenvolvimento deste trabalho, foram construídos historicamente na sociedade. Nesse sentido, vimos também, através de nossa leitura de Foucault (1996), que os discursos produzidos tendem a ser controlados, selecionados e com uma intenção a ser alcançada.

Ao relacionarmos a noção de exclusão de sujeitos com questões sobre a língua, percebemos que esse processo se dá, principalmente, por a língua estar diretamente ligada às relações de poder e aos espaços privilegiados na sociedade. Foi construída, portanto, a ideia de existir uma língua certa e outra totalmente errada, tendo por base o que está posto na GN.

189

Com relação ao PB, discutimos sobre a marca heterogênea da língua e as várias possibilidades de se dizer alguma coisa, tendo por base os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Nesse sentido, adentramos na reflexão sobre a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas, visando analisar como esses pronomes estão postos na GN e o que dizem as pesquisas sociolinguísticas sobre esse fenômeno comumente encontrado no PB.

Dessa maneira, auxiliados por Bagno (2009), pudemos entender que o uso do pronome *mim* como sujeito de infinitivas, mesmo não abordado pela GN, tem sido cada vez mais frequente no PB. Entretanto, vimos que sujeitos que fazem esse uso têm sido alvos de estigmatização e preconceito linguístico (social), sendo esta mais uma forma de exclusão e silenciamento.

Mediante o exposto, concluímos que os discursos sociais que circulam como tentativa de excluir, controlar e diminuir sujeitos devido aos usos linguísticos que fazem precisam ser combatidos com contra-discursos. Isso pode



ser feito a partir de reflexões que possibilitem reformular e reconstruir determinados paradigmas que foram disseminados historicamente. Desse modo, através de nossa reflexão sobre a variação entre os pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas, consideramos que o discurso de quem fala “para mim fazer” é alguém “ignorante”, “burro” e que “não sabe falar português” não faz sentido algum e deve ser ressignificado.

Assim, esperamos que este trabalho possa contribuir para novas discussões e reflexões sobre língua, variação e a autonomia que os falantes possuem ao utilizá-la, de modo que discursos que buscam estigmatizar, silenciar e excluir sujeitos sejam repensados.

Referências

ALMEIDA, Norma; CARVALHO, Jeany. **Variação entre as formas “preposição + eu e preposição + mim” no português popular de Feira de Santana**. Feira de Santana: Seminário de Iniciação Científica UEFS, 2013.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

FIGUEIREDO, J.R.M. **Variação e Mudança no uso do sujeito de primeira pessoa do singular em orações infinitivas iniciadas por “para” na fala carioca**. Faculdade de Letras – UFRJ, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NOVAIS, Viviane Silva. **Uso dos pronomes *mim* e *eu* na posição de sujeito em frases infinitivas iniciadas pela preposição para: o que pensam os falantes universitários do sertão alagoano**. Monografia, (Letras) – Universidade Federal de Alagoas: Delmiro Gouveia, 2018.

VILELA, Mario; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

